

PRENÚNCIO DE FUTUROS CONFLITOS ALIMENTARES NO SÉCULO XXI: os casos do Iêmen e do Qatar

HARBINGER OF FOOD CONFLICTS IN THE 21ST CENTURY: the case of Yemen and Qatar

PRESAGIOS DE FUTUROS CONFLICTOS ALIMENTARIOS EN EL SIGLO XXI: los casos de Yemen y Qatar

Daniel Vidal Pérez*

Yasmim Abril Monteiro Reis**

RESUMO

A segurança alimentar tem sido uma narrativa central na definição de políticas agrícolas, hídricas e energéticas no Oriente Médio. E o uso da comida como arma tem uma história especificamente nessa região. Assim, o presente trabalho tem como objetivo discutir o uso contemporâneo do alimento como arma em dois distintos países da Península Arábica: o Qatar e o Iêmen. Em ambos os casos, a Arábia Saudita está envolvida em função de seus interesses geopolíticos na região. No entanto, no caso do Iêmen, a intervenção militar liderada pela Arábia Saudita e pelos Emirados Árabes Unidos, apoiada pelos Estados Unidos da América, pelo Reino Unido e pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, estrangulou a economia do país. A destruição deliberada das áreas agrícolas, das estações de tratamento de água, de instalações de transporte e de mercados representam um aviso muito claro de que infligir a fome em populações civis é um meio aceito para se conquistar objetivos militares. No caso do Qatar, uma parte significativa do choque inicial causado pelo embargo do Quarteto (Bahrein, Egito, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos) veio através de interrupções no fornecimento de alimentos, já que o Qatar importa a maioria do que consome, e que chegam, em grande parte, via terrestre através da Arábia Saudita. A recente situação no Afeganistão sinaliza uma tendência de que os alimentos continuarão a ser usados como arma de persuasão ou submissão de um país para outro.

Palavras-chave: insegurança alimentar; Qatar; Iêmen; crise humanitária.

* Pesquisador, Embrapa-Solos, Pesquisador sênior voluntário no subgrupo de Biodefesa e Segurança Alimentar do Laboratório de Simulações e Cenários da Escola de Guerra Naval (LSC/EGN); Mestrado em Ciência do Solo; Doutorado em Química Analítica Inorgânica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2002. Contato: daniel.perez@embrapa.br; <http://orcid.org/0000-0003-4336-2223>.

** Mestranda no Programa de Pós-graduação em Segurança Internacional e Defesa da Escola Superior de Guerra (PPGSID/ESG); Bolsista CAPES; Bacharel em Relações Internacionais pelo IBMEC; Assistente de Pesquisa voluntária no subgrupo de Biodefesa e Segurança Alimentar do Laboratório de Simulações e Cenários da Escola de Guerra Naval (LSC/EGN); Pesquisadora voluntária OPEU (INCT/INEU); reisabril@gmail.com; <http://lattes.cnpq.br/7290101438255748>.

ABSTRACT

Food security has been a central narrative in defining agricultural, water, and energy policies in the Middle East. And the use of food as a weapon has a specifically regional history. Thus, the present work aims to discuss the contemporary use of food as a tool of war in two different countries in the Arabian Peninsula: Qatar and Yemen. In both cases, Saudi Arabia is involved what is related to its geopolitical interests in the region. However, in the case of Yemen, the military intervention led by Saudi Arabia and the United Arab Emirates, backed by the US and the UK, and the UN Security Council, has strangled the country's economy. The deliberate targeting of farmers' fields, the wrecking of water supplies, transport facilities and markets represent a very clear warning that the destruction of civilian populations through hunger is an accepted means of waging war. In the case of Qatar, a significant portion of the initial shock caused by the quartet's embargo (Bahrain, Egypt, Saudi Arabia, and the United Arab Emirates) came through disruptions of Qatar's food supply, most of which was imported and came by land from Saudi Arabia. The recent situation on Afghanistan signals a trend that food will continue to be used as a weapon of persuasion or submission from one country to another.

Keywords: food insecurity; Qatar; Yemen; humanitarian crisis.

RESUMEN

La seguridad alimentaria ha sido una narrativa central en la definición de las políticas agrícolas, hídricas y energéticas en Oriente Medio, y el uso de los alimentos como un arma tiene una historia específicamente regional. Así, el presente trabajo tiene como objetivo analizar el uso contemporáneo de los alimentos como herramienta de guerra en los países diferentes de la Península Arábiga: Qatar y Yemen. En ambos los casos, Arabia Saudí está implicada en lo que se refiere a sus intereses geopolíticos en la región. Sin embargo, en el caso de Yemen, la intervención militar liderada por Arabia Saudí y los Emiratos Árabes Unidos, respaldada por Estados Unidos y el Reino Unido, y el Consejo de Seguridad de la ONU, ha estrangulado la economía del país. El ataque deliberado a los campos de los agricultores, la destrucción de los suministros de agua, las instalaciones de transporte y los mercados representan una advertencia muy clara de que matar de hambre a las poblaciones civiles es una forma para hacerla guerra. En el caso de Qatar, una parte importante de la conmoción inicial causada por el embargo del cuarteto (Bahréin, Egipto, Arabia Saudí y los Emiratos Árabes Unidos) se produjo por la interrupción del suministro de alimentos de Qatar, la mayoría de los cuales eran importados y llegaban por tierra desde Arabia Saudí. La reciente situación de Afganistán señala una tendencia de utilizar los alimentos como un arma de persuasión o sumisión de un país a otro.

Palabras clave: inseguridad alimentaria; Qatar; Yemen; crisis humanitaria.

1 INTRODUÇÃO

A utilização do alimento como arma de guerra não é algo novo dentro do cenário internacional, muitos autores já o fizeram, entre eles: Sanders (1982), Messer e Cohen (2007), e Clément e Soliani (2017). Nesse contexto, as formas mais antigas de transformar o alimento em arma reduziam-se a contaminá-lo, adulterá-lo ou saqueá-lo, privando o inimigo desse recurso fundamental como atestam Lee, Harbison e Draughon (2003). Um dos exemplos encontra-se no governo da Alemanha nazista. Em sua posição de representante da agricultura para o Plano de Quatro Anos, Humbert Backe conseguiu, no inverno de 1940, persuadir Hermann Göring, depois, Hitler que, para vencer a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha teria que ser autossuficiente em alimentos, sendo, por isso, necessário conquistar as férteis regiões da Ucrânia, mas sem alimentar os povos conquistados.

Com a globalização e o crescimento do comércio mundial, no século XX, outras formas de utilização do alimento como arma foram se desenvolvendo, das quais se destaca o seu uso como elemento coercitivo através de sanções e/ou embargos de acordo com Wallenstein (1976) e Batmanghelidj e Moret (2022). Essa prática foi estimulada, principalmente, pelas declarações do Secretário de Agricultura norte-americano Earl Butz, na década de 1970, que expressou seu apoio ao uso da elevada capacidade de produção e comercialização de alimentos norte-americanos à época para aumentar a influência dos Estados Unidos da América (EUA) nos assuntos internos de outros países (TARRANT, 1981).

Apesar de aparentar um tema obsoleto para o século XXI, esse tema reveste-se de importância para a atual conjuntura internacional, visto que ainda se verifica que vários países são alvos, tanto de Estados quanto de atores não estatais, do uso da restrição alimentar para obtenção de favorecimentos políticos, geopolíticos e econômicos. Além disso, vale destacar que, ainda no século XXI, duas crises demonstraram a vulnerabilidade e rápida deterioração de todo sistema alimentar global, afetando diretamente a segurança alimentar de diversos países. A primeira ocorreu entre 2007 e 2008, em função do aumento dos preços das *commodities* agrícolas (CLAPP; HELLEINER, 2012). A segunda, mais atual, está relacionada aos efeitos da pandemia da doença por coronavírus 2019 (COVID-19) em todos os pilares da segurança alimentar (PÉREZ, 2021).

É, portanto, o objetivo do presente trabalho, apresentar e discutir os principais fatores que levaram ao uso do alimento como arma, via embargos e bloqueios, em pleno século XXI, indicando as principais consequências futuras para um mundo sujeito às mudanças climáticas. Neste contexto, serão analisados dois países com características socioeconômica e política bem distintas, o Iêmen e o Qatar, mas que pertencem à mesma região do globo, a península arábica.

2 BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO ESTADO DO IÊMEN E PANORAMA GEOPOLÍTICO ATUAL

Parte dos fatos que serão apresentados a seguir se basearam nos textos de Salmoni, Loidolt e Wells (2010), Orkaby (2017), Cribb (2019), Moyer *et al.* (2019), Malley e Pomper (2021), Montgomery (2021), Sharp, Blanchard e Collins (2022), Mustun (2022), Ottaway (2022) cujas ideias se entrelaçam às nossas neste artigo. Na Antiguidade, a região que hoje corresponde ao Iêmen era reconhecida pelo famoso historiador clássico e geógrafo Ptolomeu como a *Arábia Eudaimon*, ou “Arábia afortunada”, uma alusão a uma prosperidade baseada em um clima mais úmido e de solos mais férteis. O estado moderno do Iêmen nasceu em 1962, quando revolucionários, muitos dos quais haviam absorvido ideias contemporâneas de nacionalismo em universidades estrangeiras, depuseram o Imã Muhammad al-Badr e criaram a República Árabe do Iêmen, ou Iêmen do Norte.

O Iêmen do Sul emergiu em 1970, quando os britânicos renunciaram ao controle da cidade de Aden, que ocupavam desde 1839, como parte do esforço para garantir a rota marítima para a Índia, e de vários territórios protegidos autogovernados a leste. O sul do Iêmen estabeleceu um governo com uma forte orientação socialista, chamando-se República Democrática Popular do Iêmen (Iêmen do Sul). Apesar de sua história pregressa divergente, o Iêmen do Norte e do Sul optaram por unificar-se na República do Iêmen, em 1990, sob a Presidência de Ali Abdullah Saleh, que já tinha governado o Iêmen do Norte de 1978 a 1990. Por sinal, talvez esteja aí toda fonte dos problemas do atual Iêmen. A fusão de dois regimes tão díspares, com diferenças regionais profundamente enraizadas na religião, política, progresso social e econômico e geografia, aumentou, sobremaneira, o número de facções competindo pelo acesso aos recursos estatais. Além disso, em função da grande desproporção demográfica, a região Norte tem uma população três vezes maior que a região Sul, o que fez com que esta última fosse, historicamente, pouco contemplada pela política nacional. Por essa razão, tem sido consideravelmente desafiador trazer paz, ordem e estabilidade ao país. Neste contexto, despontam, em 2004, os Houthis (ou Huthis), grupo político e religioso originário da família Houthi do noroeste do Iêmen e fortes opositores de Saleh. Entre 2004 e 2010, o governo central e os Houthis se enfrentaram em seis conflitos no norte do Iêmen. Por sinal, a Arábia Saudita apoiou o governo central do Iêmen nessas várias campanhas militares contra a insurgência Houthi.

Em março de 2015, enquanto as forças Houthi avançavam para o sul, o presidente fugiu, para Riad, onde pediu a intervenção da Arábia Saudita na guerra civil do Iêmen. Em poucos dias, uma coalizão de estados pertencentes ao Conselho de Cooperação dos Estados Árabes do Golfo ou CCG (Omã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar, Bahrein e Kuwait) liderada pela Arábia Saudita iniciou uma campanha de ataques aéreos contra alvos Houthi o que, rapidamente, se tornou um cerco a todo o país.

3 BREVE HISTÓRICO DA FORMAÇÃO DO ESTADO DO QATAR E PANORAMA GEOPOLÍTICO ATUAL

Os fatos apresentados a seguir têm como base os textos de Rahman (2010), Gupta (2013), Haykel (2013), Roberts (2014), Nuruzzaman (2015), Lambert e Bin Hashim (2017), Zafirov (2017), Bilgin (2018), Morton (2020), Selmi e Bouoiyour (2020), Katzman (2021) que ilustram os conteúdos expostos pelos autores dessas reflexões. Não são paráfrases desses autores, são inspirações que instigaram a feitura deste artigo.

Há apenas 6.000 anos, o Qatar, que até então possuía um clima mais temperado, tornou-se o lugar desértico que se reconhece atualmente. Com isso, as tribos originárias da Península Arábica criaram assentamentos ao longo de diferentes áreas da costa do Golfo em função da distribuição das chuvas, abastecimento de água e portos adequados para pesca e coleta de pérolas. Por sinal, o mercado de pérolas foi a principal fonte de renda e empregos do Qatar até a década de 1930, sendo substituído, na década de 1950, pela indústria de petróleo e gás.

Antes de 1867, o Qatar era governado pela família dos líderes do vizinho Bahrein, o Al Khalifa. Naquele ano, uma revolta no território levou o Reino Unido, então a principal potência ocidental na região do Golfo Pérsico, a instalar uma família, a Al Thani, como líder do Qatar. A convenção anglo-otomana de 1913, referendou a liderança da família Al Thani sobre o Qatar.

Em 1971, depois que a Grã-Bretanha anunciou que não exerceria mais a responsabilidade pela segurança do Golfo Pérsico, o Qatar e o Bahrein consideraram juntar-se aos sete Emirados (principados) que eram então chamados de “*Trucial States*” para formar os Emirados Árabes Unidos (EAU). No entanto, o Qatar e o Bahrein decidiram tornar-se independentes.

O Qatar adotou sua primeira constituição escrita em abril de 1970 e tornou-se totalmente independente em 1º de setembro de 1971. Os EAU foram formados, separadamente, no final de 1971.

Desde sua criação, a política externa do Qatar estava alinhada com a da Arábia Saudita. No entanto, a dinâmica política, na região, mudou com a invasão do Kuwait pelo Iraque, em 1990. O Qatar, que tinha visto a Arábia Saudita como um garantidor de sua segurança durante os vinte anos desde a sua independência, de repente, despertou para a necessidade de obter um mais amplo grande *hegemon*. Com isso, a liderança do Qatar percebeu que os EUA seriam a potência que poderia protegê-lo das ameaças militares estrangeiras (assim como a Grã-Bretanha tinha feito no passado).

Cercados por vizinhos importantes, como a Arábia Saudita e o Irã, os governantes do Qatar, especialmente depois de 1995, tentaram manter relações com amigos e inimigos para minimizar os riscos à segurança do país (HOUNSHELL, 2012). No entanto, talvez esteja nesse posicionamento a raiz do atual problema

político/diplomático do Qatar. Notadamente, em função de seu envolvimento na Primavera Árabe, onde apoiou de diversas formas (financeiro, diplomático, militar e material) a mudança de regime em alguns países árabes, especialmente, Líbia e Síria. Por sinal, vale destacar a influência (“*soft power*”) sem precedentes que a ferramenta de mídia geoestratégica do Qatar, o canal de TV Al Jazeera, exerceu sobre a política regional.

Sob as alegações de que: o Qatar se apresentava muito alinhado ao Irã; agia de forma muito provocativa em assuntos árabes pelo uso da rede midiática Al Jazeera; e era um grande apoiador da Irmandade Muçulmana, grupo islamita reformador temido, principalmente, pela Arábia Saudita, a partir de 5 de junho de 2017, foi lançado um bloqueio aéreo, naval e por terra ao Qatar, inicialmente, pela UEA, Arabia Saudita, Egito e Bahrein, também reconhecidos como o Quarteto.

4 SEGURANÇA ALIMENTAR: DEFINIÇÃO

O termo Segurança Alimentar (*Food Security*) encontra sua definição mais aceita pela maioria dos autores (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS – FAO, 2003) no Plano de Ação nº 1 derivada de um encontro patrocinado pela organização em 1996: “segurança alimentar existe quando todas as pessoas, em todo o tempo, têm acesso físico e econômico a uma alimentação suficiente, segura e nutritiva, para atender as suas necessidades e preferências para uma vida ativa e saudável” (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, 1996, *online*, nossa tradução). Com isso, a segurança alimentar pode ser avaliada de acordo com quatro dimensões categóricas:

- Disponibilidade: A existência de quantidades suficientes de alimentos de qualidade adequada, fornecidos através da produção nacional ou importações (incluindo auxílios humanitários ou doações estrangeiras);
- Acesso: Acesso físico e econômico, por indivíduos, a recursos adequados para obtenção de alimentos suficientes para uma dieta nutritiva, o que pode ocorrer por meio da produção, compra, caça ou troca;
- Utilização: Geralmente, é pensada em termos de sua utilização biológica, que seria influenciada através de uma dieta adequada, água limpa, saneamento e cuidados de saúde para chegar a um estado de bem-estar nutricional onde todas as necessidades fisiológicas são atendidas. Isso traz à tona a importância de insumos não alimentares na segurança alimentar;
- Estabilidade: uma população, domiciliar ou indivíduo, deve ter acesso a alimentos adequados o tempo todo. Ela não deve correr o risco de perder acesso à alimentação como

consequência de choques repentinos (por exemplo, uma crise econômica ou climática) ou eventos cíclicos. O conceito de estabilidade se refere, portanto, a problemas crônicos, sazonais ou transitórios (questão temporal) que afetam as outras três dimensões da segurança alimentar. (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS, 2014, *online*).

A Classificação Integrada de Fase de Segurança Alimentar (Integrated Food Security Phase Classification – IPC) é uma escala mundial comumente utilizada para classificar a gravidade e a magnitude da insegurança alimentar e da desnutrição (INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION, 2021a). O IPC faz distinção entre a insegurança alimentar aguda, a insegurança alimentar crônica e a desnutrição aguda, uma vez que diferentes intervenções são necessárias para resolver cada situação.

5 A QUESTÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR NO ORIENTE MÉDIO

A história recente da segurança alimentar no Oriente Médio foi bem delineada pelos trabalhos de Woertz (2012, 2013, 2014a, 2014b, 2020). Num primeiro momento, entre os anos 700 e 1100, os países do Oriente Médio mostraram notável desenvolvimento agrícola com investimentos em irrigação e devido à introdução de novas culturas da Índia, do Extremo Oriente e da África. No entanto, num segundo momento, esse desenvolvimento estagnou, a partir do século XVI, em função do domínio centralizador da região pelo Império Otomano. No que seria uma terceira fase, já no século XIX, com a entrada geopolítica do Reino Unido na região, grande parte do Oriente Médio foi integrada à economia mundial de forma tipicamente colonial, embora a maioria das regiões nunca tenha se tornado, formalmente, uma colônia. A conclusão do Canal de Suez, em 1869, reduziu os custos de transporte e melhorou o acesso ao mercado no Oriente Médio.

Com isso, os países árabes forneciam *commodities* agrícolas para a industrialização da Europa, que, por sua vez, utilizava o Oriente Médio como mercado para seus produtos manufaturados. Pode se dizer que, até então, em termos de equilíbrio, o Oriente Médio, em geral, era autossuficiente em alimentos básicos, embora existissem desequilíbrios regionais, em função de eventos naturais, que não eram compensados pelos fracos elos comerciais e por uma logística deficiente de transporte e estocagem (VON LOSSOW; SHATAT, 2020). Um exemplo foi a fome generalizada no Alto Egito, em 1878, como resultado da falha das inundações do Nilo. No entanto, tudo isso mudaria a partir da próxima fase.

A quarta fase ocorreu durante a eclosão da Primeira e o final da Segunda Guerras Mundiais, antes do desenvolvimento das economias árabes baseadas no petróleo e gás. Este período se caracterizou pela instabilidade das rotas comerciais

que conectavam o Oriente Médio ao mundo em função de bloqueios impostos pelas nações em guerra. Além disso, a escassa capacidade de transporte era utilizada para fins militares, e as importações de bens de consumo foram reduzidas a um mínimo. Durante a Primeira Guerra Mundial, as forças da Tríplice Entente impuseram um bloqueio marítimo ao Império Otomano. Nenhum alimento chegou aos portos do Mediterrâneo e do Mar Vermelho, e as rotas comerciais para o Kuwait foram controladas. Com isso, em 1916, a fome se espalhou pela Síria e o Líbano, causando milhares de mortes.

A Segunda Guerra Mundial aproximou, perigosamente, o Egito da fome, na primavera de 1942, em função da carência de suprimentos de trigo. Ao lado do Cairo, houve distúrbios civis causadas pela crise de alimentos, também, em Teerã, Damasco e Beirute, enquanto crianças no Golfo Pérsico alegadamente morreram por falta de leite. A estabilidade do reino saudita foi ameaçada, após uma seca em 1940, o que causou uma elevação significativa dos preços dos alimentos. Isso só foi resolvido quando a Arábia Saudita entrou no mapa estratégico dos EUA, em função dos interesses privados de exploração de jazidas de petróleo e gás, no início de 1943. Outra crise se delineou com a fome que se instalou, em 1943, em Bengala o que levou à perda das importações de arroz da Índia para o Oriente Médio. Vale a pena observar que, nesse período, o Iêmen permaneceu, em grande parte, autossuficiente em alimentos, até o fim da Segunda Guerra, sendo até capaz de exportar algum milho para a Arábia Saudita. Já o Qatar, como será visto mais a frente, entrou no período da “Grande Fome”.

Na quinta fase, pós Segunda Guerra, os EUA arquitetaram uma estratégia para exportação de seus excedentes de grãos gerados pelos desenvolvimentos tecnológicos advindos do esforço de guerra. Para isso, foi introduzido, em 1954, o projeto que permitia a entrega de auxílios alimentares subsidiados. Com isso, a produção local de alimentos no Oriente Médio teve uma queda sensível, já que era mais barato importar do que produzir. Notadamente nos países do Golfo (CCG) em função do lucro com a venda de petróleo e gás. Tal dependência, no entanto, teve um preço. Os EUA começaram a usar as entregas de alimentos para atrair a cooperação política e recompensar as nações amigas e punir as que não seguiam seus ditames políticos.

Na década de 1970, a situação da dependência da importação de alimentos para a região se intensificou em razão do aumento populacional, da rápida urbanização e do aumento da renda per capita. O crescimento da demanda por grãos, proteínas e fontes variadas de frutas e vegetais evidenciou que a autossuficiência alimentar já não era mais possível sem exaurir os recursos naturais da região, principalmente água, como ratificam Belhaj e Soliman (2021) e Koch (2021). E, com isso, chega-se a uma segunda mudança, dentro da década de 1970, e que iria influenciar o modo de pensar das lideranças do Oriente Médio até os dias de hoje: a ameaça do presidente dos EUA Richard Nixon de usar a

“arma alimentar” em retaliação ao papel dos líderes árabes do Golfo no embargo petrolífero da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em 1973, conforme declaram Wallenstein (1976), Lambert e Bin Hashim (2017), e Koch (2021).

Para completar o quadro negativo quanto à segurança alimentar dessa década, em função de quebras de safras, por causa de eventos climáticos desfavoráveis nas principais zonas de produção nos EUA e Canadá, os estoques de grãos para exportação foram drasticamente reduzidos, fazendo os preços subirem de forma estratosférica. Esse período ficou conhecido como a “crise mundial dos alimentos” de 1972-1975 e que levou a fome a várias partes da Ásia e da África (KOCH, 2021).

Atualmente, a região do Oriente Médio e norte da África (MENA) é a maior importadora de cereais do mundo segundo declaram von Lossow e Shatat (2020), Woertz (2020), e fontes da FAO e Economic and Social Commission for Western Asia (ESCWA) (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS; ECONOMIC AND SOCIAL COMMISSION FOR WESTERN ASIA, 2021), sendo que suas importações de aves e produtos lácteos também são extensas (WOERTZ, 2020). Especificamente, os países árabes importam, em média, 50% das calorias que consomem, gastando, anualmente, cerca de US\$ 110 bilhões (4% do Produto Interno Bruto – PIB) em importações de alimentos (FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS; ECONOMIC AND SOCIAL COMMISSION FOR WESTERN ASIA, 2021),).

As atuais aspirações agrícolas árabes se limitam ao cultivo eficiente de frutas e hortaliças em estufas e fazendas verticais, bem como à pecuária com forragem importada (WOERTZ, 2020). Isto porque os escassos recursos hídricos e de terras estão em estágio de degradação avançado, em função do consumo excessivo de águas subterrâneas (muito além da recarga dos aquíferos) para irrigação, poluição e condições climáticas severas (BEN HASSEN; EL BILALI, 2019; FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS; ECONOMIC AND SOCIAL COMMISSION FOR WESTERN ASIA, 2021; VON LOSSOW; SHATAT, 2020).

Outra estratégia de autossuficiência buscada, após as crises alimentares de 2007-2008, foi a realização de investimento em terras agrícolas no exterior, a fim de garantir o acesso privilegiado à produção de alimentos em outro país (BEN HASSEN; EL BILALI, 2019; WOERTZ, 2020). Hoje, os países do CCG são os maiores investidores regionais em terras agrícolas no exterior. No entanto, esses investimentos são arriscados, pois muitos dos acordos fundiários foram realizados em países da África que já sofrem com a insegurança alimentar. Em caso de crise alimentar, há o risco de que o país anfitrião possa renegar um contrato ou restringir as exportações (BEN HASSEN; EL BILALI, 2019).

A atual pandemia do COVID-19 voltou os holofotes para as questões de acessibilidade alimentar e desnutrição na região árabe (FAO; ESCWA, 2021; WOERTZ, 2020). No entanto, FAO e ESCWA (2021) resumiram, precisamente, o

persistente dilema regional: como os países podem encontrar o equilíbrio certo entre preservar a sustentabilidade dos escassos recursos naturais, por um lado, e permanecer expostos às volatilidades globais de preços, por outro?

Por fim, uma vez que os países árabes dependem fortemente das importações de alimentos, que os tornam vulneráveis a choques de preços e suprimentos, a estabilidade e as dimensões de disponibilidade da segurança alimentar são questões políticas críticas (BEN HASSEN; EL BILALI, 2019) e que povoam a consciência coletiva árabe (WOERTZ, 2013). Como bem explorado nos trabalhos de Sen (1986, 1997, 2019), vivemos em um mundo com fome persistente e desnutrição generalizada. E isso não se deve, necessariamente, a problemas ligados à produção agropecuária, por exemplo, quebras de safra ou perda do poder de compra de uma dada população. Mais do que um desafio técnico, há uma série de interconexões políticas, econômicas e sociais que devem ser consideradas a fim de evitar a fome e a desnutrição mundial.

6 A QUESTÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR NO IÊMEN

O aumento da insegurança alimentar no Iêmen, desde o início da tomada do poder pelos Houthis, teve várias causas, mas todas ligadas à intervenção militar, desencadeada por uma coalizão de países árabes liderada pela Arábia Saudita, a fim de restaurar o governo de AbduRabbu Mansour Hadi e desalojar combatentes Houthi da capital e de outras grandes cidades (MOYER *et al.*, 2019; SHARP, 2021). Uma das intervenções iniciais dessa coalizão foi realizar o bloqueio naval exclusivo dos portos do Iêmen, a fim de deter o contrabando de armas (MOYER *et al.*, 2019; SHARP, 2021). Com isso, toda movimentação de cargas, notadamente alimentos e medicamentos, teve em algum momento, seu desembarque adiado ou impedido por vários meses, desde 2015 até hoje.

Antes do conflito, a indústria de petróleo e gás era, de longe, o maior setor exportador do Iêmen (SANA'A CENTER ECONOMIC UNIT, 2020). A suspensão das exportações de petróleo, no início de 2015, acarretou na perda das receitas de exportação de hidrocarbonetos, instigando, assim, uma crise de finanças públicas e de liquidez, afetando, em última instância o poder de adquirir bens de consumo, principalmente, alimentos.

Segundo Alles (2017) e Mundy (2018), pelo menos 60% das famílias iemenitas dependiam do setor agrícola como principal fonte de renda, o qual também fornecia emprego para mais da metade da força de trabalho do país. A intervenção militar diminuiu, consideravelmente, as atividades agrícolas, devido à elevação dos custos, particularmente do combustível, e a redução da disponibilidade de insumos básicos, como sementes e fertilizantes. Consequentemente, o declínio da já pequena produção interna de alimentos teve, portanto, um duplo impacto, particularmente na população rural, não só pela menor produção de alimentos, mas, também, pela perda substancial de uma já escassa renda anual.

O setor pesqueiro, que era uma fonte importante de renda e segurança alimentar nas áreas costeiras, também foi impactado pela elevação dos custos de combustível e pela falta de insumos para pesca, diminuindo essa atividade em mais de 50% (ALLES, 2017; MUNDY, 2018).

A alternância de períodos de cerco e bloqueios de cidades, portos e rodovias, desde 2015, foram responsáveis por imensas dificuldades na importação de alimentos e no recebimento de auxílios emergenciais de alimentos e de medicamentos durante os piores momentos dos combates. Inicialmente, uma série de restrições, obstáculos e mecanismos foram introduzidos na aparente tentativa de parar o contrabando de armas, aumentando os custos de desembarque devido aos atrasos na ancoragem dos navios. Em segundo lugar, o aumento dos preços dos combustíveis elevou sobremaneira os custos de transporte de alimentos e também de locomoção das pessoas para os mercados.

Por fim, o bombardeio das instalações do porto de al-Hudaida, em junho de 2018, dificultou em muito o desembarque mais rápido de produtos (MUNDY, 2018; MOHAREB; IVERS, 2019). O Iêmen importa 90% dos alimentos que consome, incluindo 90% do trigo e 100% do arroz, que são os alimentos básicos do país (ALLES, 2017; SHARP, 2021), sendo o porto de al-Hudaida a principal porta de entrada desses produtos (ALLES, 2017; MOHAREB; IVERS, 2019; WAAL, 2017). Com isso, os já debilitados estoques de alimentos foram sendo consumidos, rapidamente, sem que a reposição ocorresse na mesma velocidade.

Em quase sete anos, desde a escalada do conflito em março de 2015, o número de pessoas sofrendo com algum grau de insegurança alimentar no Iêmen aumentou sensivelmente. A análise do IPC (2021b), no final de 2020, estimou que 13,5 milhões de pessoas (45% da população) eram altamente inseguras em relação à alimentação, e que o número de pessoas altamente inseguras aumentaria para 16,2 milhões (54% da população) em 2021. Esse último número foi confirmado pelo World Food Program (2021), em setembro de 2021, que informou, ainda, que, aproximadamente 47.000 imenitas enfrentavam condições semelhantes à fome e 4 milhões tinham migrado, internamente, para outras regiões, longe dos combates. Neste contexto, a atual pandemia de COVID-19 piorou a instabilidade e a fragilidade de um ambiente já devastado pela guerra (ODEY, 2022). Não é de estranhar, portanto, que, em 2021, os preços dos alimentos e os preços de outras *commodities* essenciais tenham aumentado significativamente. Como resultado, alimentos que antes eram comumente consumidos – como carne, peixe, leite e arroz – tornaram-se um luxo para a maioria das pessoas.

Sem que se tenha chegado a uma conclusão dos combates, que ainda ocorrem perto da cidade de Marib (FAMINE EARLY WARNING SYSTEM NETWORK, 2021; UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT – USAID, 2022), a esperança de paz veio do governo Biden que acabou com o apoio dos EUA às operações militares da coalizão liderada pela Arábia Saudita no Iêmen, a partir

de abril de 2021, ampliando o apoio diplomático de forma a negociar um acordo para o conflito com os Houthi (SHARP; BLANCHARD; COLLINS, 2022). No entanto, a guerra agora se espalha em múltiplas frentes, cada uma com sua própria dinâmica política e linhas de comando e controle (MALLEY; POMPER, 2021). E a escassez de financiamento ameaça minar o auxílio humanitário à população do Iêmen (UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT, 2022).

7 A QUESTÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR NO QATAR

Segundo Zahlan (2016), Fromherz (2017) e Lambert e Bin Hashim (2017), no período de 1925 a 1949, o Qatar entrou em uma profunda depressão econômica, conhecida como os “anos de fome”. O colapso dos preços das pérolas, a quantidade limitada de receitas de exploração de petróleo recebidas pelos governantes tribais (que não compensaram a queda no preço das pérolas) e as interrupções da Segunda Guerra Mundial prejudicaram as exportações tradicionais do Golfo. Além disso, a Segunda Guerra Mundial interrompeu algumas linhas internacionais de fornecimento de alimentos através da Península Arábica e, ainda mais, através do oceano Índico. Segundo Lambert e Bin Hashim (2017), a Arábia Saudita reagiu a esta aguda crise alimentar com a proibição das exportações de alimentos para controlar seu mercado interno. Enquanto isso, o Bahrein, que tinha disputas territoriais com o Qatar, impôs-lhe um bloqueio.

Conseqüentemente, o Qatar, que tinha sua economia fortemente dependente da importação de alimentos desses dois países, encontrou-se, de uma hora para outra, diante de uma grave crise alimentar que, logo em seguida, tornou-se um quadro de fome generalizada em 1941. A história oral, narrada pelo ex-chefe do Programa Nacional de Segurança Alimentar do Qatar (QNFSP), Fahad Al-Attiyah, afirma que até um terço dos habitantes do Qatar morreram em consequência da fome (LAMBERT; BIN HASHIM, 2017). Com isso, toda população do Qatar caiu para, aproximadamente, 16.000 habitantes na década de 1940 (RAHMAN, 2010). Aldeias foram despovoadas enquanto tribos inteiras migraram para os países vizinhos. Vale destacar, neste ponto, que os AL-Thani permaneceram no Qatar (KAMRAVA, 2009). O status anterior de uma das nações mais pobres permanece na memória viva da geração mais antiga do Qatar (FROMHERZ, 2017; LAMBERT; BIN HASHIM, 2017; MORTON, 2020; RAHMAN, 2010).

Atualmente, o Qatar consolidou-se como a terceira maior reserva de gás do mundo (atrás da Rússia e do Irã) e como principal exportador mundial de gás natural liquefeito, sendo, por isso, um dos países mais ricos do mundo (BEN HASSEN; EL BILALI; ALLAHYARI, 2020; SELMI; BOUOUIYOUR, 2020).

O Estado do Qatar tomou ciência de sua vulnerabilidade, relacionada a sua elevada dependência das importações de alimentos, em três momentos históricos recentes, conforme estudos de Lambert e Hashim (2017). O primeiro se deu em

2008, quando ocorreu um aumento substancial nos preços dos alimentos no mercado internacional de alimentos. Depois, em 2012, quando os sauditas proibiram a exportação de frango fresco para estabilizar seu mercado interno. Por fim, em 2014, quando países vizinhos do CCG ameaçaram bloquear as rotas terrestres do Qatar durante um episódio de tensões diplomáticas. Desde então, o Qatar empreendeu várias iniciativas para proteger seus cidadãos e residentes da escassez de alimentos durante momentos de crise, o que se iniciou com o Programa de Segurança Alimentar de 2008 (BIN; AL-ATTIYA, 2014; KOCH, 2021; SURESH, 2019).

Vale lembrar que no período anterior ao bloqueio de 2017, 90% dos alimentos consumidos no Qatar eram importados (MINIAOUI; IRUNGU; KAITIBIE, 2018), sendo que a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos representavam 27,4% desse total importado. Durante este período, mais de 40% das importações de alimentos do Qatar chegavam por terra através da Arábia Saudita (EFRON *et al.*, 2018; MINIAOUI; IRUNGU; KAITIBIE, 2018).

A imposição de um bloqueio econômico pelos Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Bahrein e Egito, também conhecidos como o Quarteto, desde junho de 2017, com base na acusação de que o Qatar apoiava o terrorismo, e justamente durante o mês sagrado do Ramadã, foi um teste ao Programa de Segurança Alimentar do Qatar (AMERY, 2019).

O Ministério da Economia e Comércio do Qatar (QMEC) reagiu, inicialmente, fixando os preços da maioria dos bens de consumo e produtos alimentícios. O QMEC também influenciou na confecção de reportagens televisivas mostrando prateleiras de supermercados abastecidas com alimentos. Neste contexto, a existência de reservas estratégicas de alimentos, de até um ano de suprimentos de alimentos essenciais como arroz, açúcar, leite e óleo de cozinha, foi essencial como elemento tranquilizador da população (AMERY, 2019; EFRON *et al.*, 2018; LAMBERT; HASHIM, 2017; MINIAOUI; IRUNGU; KAITIBIE, 2018).

Outra estratégia empreendida pelo Qatar envolveu a construção de novas rotas comerciais. Por exemplo, embora a única fronteira terrestre do Qatar fosse com a Arábia Saudita, a Turquia enviou mercadorias numa rota terrestre até o Irã e, posteriormente, por mar, através do Golfo Árabe, para o Qatar (EFRON *et al.*, 2018).

A prova principal de que as estratégias do Qatar foram bem-sucedidas foi o fato dos preços dos alimentos, que tiveram um pico após o bloqueio, se estabilizarem no outono de 2017, e voltarem aos seus níveis pré-bloqueio no verão de 2018 (EFRON *et al.*, 2018).

8 DISCUSSÃO

Boa parte dos países árabes perdeu sua capacidade em ser autossuficiente nos alimentos que consome, em função do aumento da população, da urbanização

e do declínio de seus recursos hídricos de subsuperfície, notadamente a partir da década de 1970 (KOCH, 2021; WOERTZ, 2020), o que só vem piorando com o agravamento das mudanças climáticas, principalmente, em função do aumento das estiagens na região (INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE – IPCC, 2022; TULL, 2020). Por isso, em médio e longo prazo, não há como se livrar da dependência do comércio externo para se obter alimentos.

No entanto, essa crescente dependência traz em seu bojo uma crescente insatisfação das lideranças regionais em função de uma série de experiências históricas negativas que ainda permeiam o coletivo popular das sociedades árabes, a saber: a difícil situação de fornecimento de alimentos na Primeira e Segunda Guerras Mundiais; a politização do comércio de alimentos pelos EUA nas décadas de 1960 e 1970, quando usou a Lei Pública 480 para subsidiar exportações de alimentos para alavancagem diplomática/política na região; a ameaça dos EUA de um embargo alimentar em retaliação ao boicote ao petróleo árabe em 1973; a “crise alimentar mundial” de 1972-1975; e, finalmente, a “crise alimentar mundial” de 2007-2008 (KOCH, 2021; WOERTZ, 2020).

É nesse contexto que a ideia de usar a comida como arma de guerra ganha vigor. Isto porque ela se aproveita de um imaginário enraizado no pensamento essencialista sobre escassez de alimento e fome que atormenta, historicamente, a maioria dos países da região, sabotando, deliberadamente, o componente psicossocial como parte do Poder Nacional (ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA, 2019).

Do ponto de vista prático, a história revela que a estratégia de embargos e bloqueios, frequentemente, não consegue coagir os Estados a fazerem as mudanças políticas pretendidas pelos países que causaram o embargo e, muitas vezes, criam consequências não intencionais (COLLINS, 2018), como foi o fato de a Turquia ter emergido no panorama geopolítico e econômico da Península Arábica. Nos dois casos estudados, observa-se que muitos dos países que embargaram o Qatar também estavam bloqueando o Iêmen, e, neste caso, depois de mais de sete anos de conflitos, eles ainda não foram capazes de forçar uma resolução estratégica decisiva, apesar do uso intensivo da força militar na destruição da capacidade produtiva do Iêmen (MUNDY, 2018; WAAL, 2017).

Como ponto em comum, os dois casos estudados guardam a semelhança de que muitos autores se referiram aos dois conflitos como um elemento de uma rivalidade regional mais ampla entre a Arábia Saudita e o Irã (BILGIN, 2018; MUSTUN, 2022; SHARP; BLANCHARD; COLLINS, 2022; ZAFIROV, 2017).

No entanto, o desenrolar dos conflitos se deu de forma diferente em função das peculiaridades, principalmente, da origem e formação das duas nações. Enquanto o Iêmen experimentou, desde a sua formação, um eterno conflito pelo poder entre diferentes grupos religiosos/políticos, o Qatar vive uma estabilidade política advinda do controle incontestado da família Al Thani e dos benefícios de uma

das maiores economias de petróleo e gás do mundo. Além disso, o fato de os EUA compreenderem a importância estratégica do Qatar para a defesa dos interesses norte-americanos em todo o Oriente Médio, impediram o uso da força militar na campanha de guerra econômica imposta pelo Quarteto (COLLINS, 2018).

Infelizmente, o caso do Iêmen, que não conta com o apoio de nenhuma potência mundial, expõe a questão de se usar a infraestrutura de produção, armazenamento e distribuição de alimentos como alvos de guerra. Dificuldades impostas na importação de alimentos; a destruição da infraestrutura civil; uma crise de liquidez e caixa; estagnação do pagamento de salários públicos em diversos períodos, até de um ano; períodos intermitentes de cerco e bloqueios deixaram, de fato, os iemenitas sem os meios para acessar alimentos básicos. E isso piorou após o fechamento dos principais pontos de entrada de alimentos no início de novembro de 2017.

Essa situação representa um claro aviso de que a fome é um meio aceito, mesmo aprovado, de travar uma guerra. Ela sinaliza, sem dúvida, que é assim que as guerras poderão ser travadas no futuro. E com um agravante, a vulnerabilidade de todo processo mundial de produção, armazenamento e distribuição de alimentos em função do aumento da frequência dos eventos climáticos extremos, fruto das mudanças climáticas em curso (CHATZOPOULOS *et al.*, 2020; GAUPP, 2020).

O artigo 54º do Protocolo I, adicional às Convenções de Genebra, afirma que “é proibido o uso da fome da população civil como método de guerra”. Isso significa que atacar alvos indispensáveis à sobrevivência da população civil e negar o acesso à ajuda humanitária destinada a civis, incluindo impedir deliberadamente a ajuda humanitária ou restringir a liberdade de circulação de pessoal de ajuda humanitária, podem constituir violações desse artigo (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS – ICRC, 2005).

No entanto, a proibição da fome como método de guerra não proíbe a guerra de cerco, desde que o que se pretenda alcançar seja um objetivo militar e não matar de fome uma população civil. Da mesma forma, a proibição da fome como método de guerra não coíbe a imposição de um bloqueio naval, desde que o objetivo seja militar e não o de matar de fome uma população civil (INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS, 2005). Com isso, fica claro que existem dificuldades legais em processar como crime causar a fome a uma população civil (WAAL, 2017).

Como bem observa Runge e Graham (2020):

Que existam ‘regras de guerra’ ou normas que prescrevam violência genocida é importante. Mas assim que há regras ou normas, a natureza humana encontra maneiras de subvertê-las. Porque é tão difícil rastrear a fome como um meio de ação direta, a fome como arma de guerra é muitas vezes empregada para matar sem culpa direta. (RUNGE; GRAHAM, 2020, p. 6, tradução nossa).

Por fim, para provar que o uso do alimento como arma continua atual, tem-se o caso da atual transição política do Afeganistão, que passou ao controle dos Talibãs em setembro de 2021. As sanções impostas pelos EUA e aliados levaram ao congelamento de US\$ 9,5 bilhões em ativos nacionais e, com isso, a precária situação econômica do país se esfacelou. O sistema bancário sofreu severas interrupções e a moeda nacional perdeu 12,5% do valor, elevando o desemprego e os preços dos alimentos (BATMANGHELIDJ; MORET, 2022; INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION, 2021c). E, criando a tempestade perfeita, o país vem passando por um período de secas severas o que afetou, negativamente, a produção de alimentos na atual safra e afetará, negativamente, a quantidade de água disponível para a irrigação da próxima safra (INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION, 2021c). Com isso, estima-se que 18,8 milhões de pessoas (47% da população) estejam experimentando altos níveis de insegurança alimentar na Fase 3 (Crise) e Fase 4 (Emergência) e que 97% dos afegãos ficarão abaixo da linha de pobreza até meados de 2022 (BATMANGHELIDJ; MORET, 2022; INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION, 2021c).

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A insegurança alimentar, nos dois casos estudados, foi fruto de um agregado de fatores históricos, políticos, sociais, mas, principalmente, produto da instabilidade política que convergiu com o surgimento de um conflito interestatal. A grande diferença entre as duas situações foi o uso da força militar contra o Iêmen, principalmente, destruindo seus meios de produzir, armazenar e distribuir alimentos.

Um homem desnutrido não é capaz de ter um bom desempenho no trabalho devido à exaustão física e, portanto, não poderá fornecer os alimentos necessários para manter sua família saudável. Eles se tornarão mais suscetíveis a doenças das quais não serão capazes de se recuperar rapidamente, caindo mais profundamente na pobreza. Alguns perderão suas vidas. Este círculo vicioso ataca em todos os níveis e pode custar gerações inteiras para se recuperar. O Iêmen e o Qatar devem ser lembrados e entendidos como o prenúncio de futuros conflitos envolvendo alimentos como arma no século XXI.

REFERÊNCIAS

ALLES, L. *Missiles and food: Yemen's man-made food security crisis*. Oxford: Oxfam International, 2017. Disponível em: https://oi-files-d8-prod.s3.eu-west-2.amazonaws.com/s3fs-public/file_attachments/bn-missiles-food-security-yemen-201217-en.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

AMERY, H. A. *Food security in Qatar: Threats and opportunities*. Doha: Gulf Studies Center, 2019. (Gulf Insights Series, n. 7). Disponível em: http://www.qu.edu.qa/static_file/qu/research/Gulf%20Studies/documents/Gulf%20Insights%207%20Amery.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

BATMANGHELIDJ, E.; MORET, E. The hidden toll of sanctions. *Foreign Affairs*, New York, 17 Jan. 2022. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/world/2022-01-17/hidden-toll-sanctions>. Acesso em: 27 out. 2022.

BELHAJ, F.; SOLIMAN, A. MENA Has a food security problem, but there are ways to address it. In: THE WORLD BANK. Washington, DC, 25 Sept 2021. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/opinion/2021/09/24/mena-has-a-food-security-problem-but-there-are-ways-to-address-it>. Acesso em: 31 out. 2022.

BEN HASSEN, T.; EL BILALI, H. Food security in the Gulf Cooperation Council Countries: Challenges and prospects. *Journal of Food Security*, [s. l.], v. 7, n. 5, p. 159-169, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12691/jfs-7-5-2>.

BEN HASSEN, T.; EL BILALI, H.; ALLAHYARI, M. S. Impact of COVID-19 on food behavior and consumption in Qatar. *Sustainability*, Basel, v. 12, n. 17, p. 69-73, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/su12176973>.

BILGIN, A. R. Relations between Qatar and Saudi Arabia after the Arab Spring. *Contemporary Arab Affairs*, Beirut, v. 11, n. 3, p. 113-134, 2018.

BIN, F.; AL-ATTIYA, M. Qatar's journey to self-sufficiency. *Journal of International Affairs*, New York, v. 67, n. 2, p. 153-157, 2014.

CHATZOPOULOS, T. *et al.* Climate extremes and agricultural commodity markets: A global economic analysis of regionally simulated events. *Weather and Climate Extremes*, Amsterdam, v. 27, p. 100193, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.wace.2019.100193>.

CLAPP, J.; HELLEINER, E. Troubled futures?: The global food crisis and the politics of agricultural derivatives regulation. *Review of International Political Economy*, London, v. 19, n. 2, p. 181-207, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/09692290.2010.514528>.

CLÉMENT, A.; SOLIANI, R. The food weapon: Milestones in the history of a concept (17th-19th centuries). In: IKEDA, Y.; ROSSELLI, A. (ed.). *War in the History of Economic Thought*. London: Routledge, 2017. p. 11-29.

COLLINS, G. Anti-Qatar embargo grinds toward strategic failure. *Issue Brief*, Houston, v. 1, n. 22, p. 1-8, 2018. Disponível em: <https://scholarship.rice.edu/bitstream/handle/1911/99690/bi-brief-012218-ces-qatarempargo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

CRIBB, J. *Food or war*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

EFRON, S. et al. *Food security in the Gulf Cooperation Council*. Santa Monica: RAND Corporation, 2018. Disponível em: https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/external_publications/EP60000/EP67748/RAND_EP67748.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA (ESG). *Fundamentos do poder nacional*. Rio de Janeiro: ESG, 2019.

FAMINE EARLY WARNING SYSTEM NETWORK. Yemen food security outlook update. *FEWS NET*, [Washington, DC], p. 1-7, Dec. 2021. Disponível em: https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/YEMEN_December%202021_Food%20Security%20Outlook%20Update_Report_211230_FINAL_clean_0.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). *O estado da segurança alimentar e nutricional no Brasil: um retrato multidimensional: relatório 2014*. Brasília, DF: FAO, 2014. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/SANnoBRasil.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). *Rome Declaration on World Food Security*. Rome: FAO, 1996. Disponível em: <http://www.fao.org/docrep/003/w3613e/w3613e00.HTM>. Acesso em: 27 out. 2022.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO). *Trade reforms and food security: Conceptualizing the linkages*. Rome: FAO, 2003.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS (FAO); UNITED NATIONS ECONOMIC AND SOCIAL COMMISSION FOR WESTERN ASIA (ESCWA). *Arab food security: Vulnerabilities and pathways*. Beirut: ESCWA, 2021.

FROMHERZ, A. J. *Qatar-Rise to power and influence*. London: IB Tauris, 2017.

GAUPP, F. Extreme events in a globalized food system. *One Earth*, Cambridge, v. 2, n. 6, p. 518-521, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.oneear.2020.06.001>.

GUPTA, K. *The Qatari Conundrum: The changing face of West Asia's political landscape*. Mumbai: Observer Research Foundation, 2013. (Occasional paper, n. 40). Disponível em: https://www.orfonline.org/wp-content/uploads/2013/08/OccasionalPaper_40.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

HAYKEL, B. Qatar's foreign policy. *NOREF Policy Brief*, Oslo, p. 1-3, Feb. 2013. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/159898/2ec79531a408cf9e5eb93fa5393f8224.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

HOUNSHELL, B. The Qatar bubble: Can this tiny, rich emirate really solve the Middle East's thorniest political conflicts?. In: *FOREIGN Policy*, Washington, DC, 23 Apr. 2012. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2012/04/23/the-qatar-bubble/>. Acesso em: 27 out. 2022.

INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION (IPC). *Acute food insecurity analysis: Afghanistan*. Rome: IPC, 2021c. Disponível em: https://www.ipcinfo.org/fileadmin/user_upload/ipcinfo/docs/IPC_Afghanistan_AcuteFoodInsec_2021Oct2022Mar_report.pdf. Acesso em: 8 nov. 2022.

INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION (IPC). *Technical manual version 3.1: Evidence and standards for better food security and nutrition decisions*. Rome: IPC, 2021a. Disponível em: https://www.ipcinfo.org/fileadmin/user_upload/ipcinfo/manual/IPC_Technical_Manual_3_Final.pdf. Acesso em: 8 nov. 2022.

INTEGRATED FOOD SECURITY PHASE CLASSIFICATION (IPC). *Yemen: Acute food insecurity situation October - December 2020 and projection for January - June 2021*. Rome: IPC, 2021b. Disponível em: <https://www.ipcinfo.org/ipc-country-analysis/details-map/en/c/1152947/?iso3=YEM>. Acesso em: 8 nov. 2022.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *Climate change 2022: impacts, adaptation and vulnerability: summary for policymakers*. Geneva: IPCC, 2022. Disponível em: https://report.ipcc.ch/ar6wg2/pdf/IPCC_AR6_WGII_SummaryForPolicymakers.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

INTERNATIONAL COMMITTEE OF THE RED CROSS (ICRC). *Rule 53: Starvation as a method of warfare*. Geneva, 2005. Disponível em: https://ihl-databases.icrc.org/customary-ihl/eng/docs/v1_rul_rule53. Acesso em: 27 out. 2022.

KAMRAVA, M. Royal factionalism and political liberalization in Qatar. *The Middle East Journal*, Washington, DC, v. 63, n. 3, p. 401-420, 2009.

KATZMAN, K. *Qatar: Governance, security, and U.S. Policy*. Washington, DC: Congressional Research Service, 2021. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/mideast/R44533.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2022.

KOCH, N. Food as a weapon?: The geopolitics of food and the Qatar-Gulf rift. *Security Dialogue*, London, v. 52, n. 2, p. 118-134, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/09670106209123>.

LAMBERT, L. A.; BIN HASHIM, H. A Century of Saudi-Qatari food insecurity: Paradigmatic shifts in the geopolitics, economics and sustainability of gulf states animal agriculture. *The Arab World Geographer*, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 261-281, 2017.

LEE, R. V.; HARBISON, R. D.; DRAUGHON, F. A. Food as weapon. *Food Protection Trends*, Des Moines, v. 23, n. 8, p. 664-674, 2003.

MALLEY, R.; POMPER, S. Accomplice to carnage: How America enables war in Yemen. *Foreign Affairs*, New York, v. 100, p. 73-88, 2021.

MESSER, E.; COHEN, M. J. Conflict, food insecurity and globalization. *Food, Culture & Society*, Baltimore, v. 10, n. 2, p. 297-315, 2007.

MINIAOUI, H.; IRUNGU, P.; KAITIBIE, S. Contemporary issues in Qatar's food security. *The Middle East Insights*, [s. l.], n. 185, p. 1-13, 2018. Disponível em: <https://mei.nus.edu.sg/wp-content/uploads/2018/05/Food-Security-31-May2018-1.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

MOHAREB, A. M.; IVERS, L. C. Disease and famine as weapons of war in Yemen. *The New England Journal of Medicine*, Boston, v. 380, n. 2, p. 109-111, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1056/NEJMp1813831>.

MONTGOMERY, M. A Timeline of the Yemen Crisis, from the 1990s to the Present. In: ARAB Center. Washington, DC, 19 Feb. 2021. Disponível em: <https://arabcenterdc.org/resource/a-timeline-of-the-yemen-crisis-from-the-1990s-to-the-present/>. Acesso em: 27 out. 2022.

MORTON, M. Q. *Masters of the pearl: A history of Qatar*. London: Reaktion Books, 2020.

MOYER, J. D. *et al.* *Assessing the impact of war on development in Yemen*. Sana'a: UNDP, 2019. Disponível em: <https://yemen.un.org/sites/default/files/2019-09/Assessing%20the%20Impact%20of%20War%20on%20Development%20in%20Yemen.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

MUNDY, M. *The strategies of the coalition in the Yemen War: Aerial bombardment and food war*. Somerville: World Peace Foundation, 2018. Disponível em: <https://sites.tufts.edu/wpf/files/2018/10/Strategies-of-Coalition-in-Yemen-War-Final-20181005-1.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

MUSTUN, Z. K. Climate change, institutional quality and SDGs: A narrative review with a focus on Yemen. *Journal of Emerging Economies & Islamic Research*, Sha Alam, v. 10, n. 1, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://myjms.mohe.gov.my/index.php/JEEIR/article/view/16489>. Acesso em: 31 out. 2022.

NURUZZAMAN, M. Qatar and the Arab Spring: Down the foreign policy slope. *Contemporary Arab Affairs*, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 226-238, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/17550912.2015.1024034>.

ODEY, J. Great disaster: The impact of COVID-19 on Yemen. *Liberty University Journal of Statesmanship & Public Policy*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 1-17, 2022. Disponível em: <https://digitalcommons.liberty.edu/jspp/vol2/iss2/7/>. Acesso em: 31 out. 2022.

ORKABY, A. Yemen's humanitarian nightmare: The real roots of the conflict. *Foreign Affairs*, New York, v. 96, n. 6, p. 93-101, 2017.

OTTAWAY, M. War and politics in Libya, Yemen, and Syria. *In: WILSON Center*. Washington, DC, 6 Jan. 2022. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/article/war-and-politics-libya-yemen-and-syria>. Acesso em: 27 out. 2022.

PÉREZ, D. V. Alimento: uma das principais, e menos reconhecidas, armas da paz. *In: CONFERÊNCIA DE SEGURANÇA INTERNACIONAL DO FORTE DE COPACABANA*, 18., 2021, Rio de Janeiro. *Ausência de guerras significa paz?: estratégias de segurança internacional em uma nova ordem geopolítica mundial*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2021. p. 243-260. Disponível em: <http://cebri.org/media/documentos/arquivos/XVIIForte-KAS-CEBRI-UE-ausenc612e72f87749d.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

RAHMAN, H. *The emergence of Qatar: The turbulent years, 1627-1916*. Oxon: Routledge, 2010.

ROBERTS, D. B. Qatar and the brotherhood. *Survival*, [Washington, DC], v. 56, n. 4, p. 23-32, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/00396338.2014.941557>.

RUNGE, C. F.; GRAHAM, L. Hunger as a weapon of war: Hitler's hunger plan, native american resettlement and starvation in Yemen. *Food Policy*, Guildford, v. 92, p. 101835, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.foodpol.2020.101835>.

SALMONI, B. A.; LOIDOLT, B.; WELLS, M. *Regime and periphery in Northern Yemen: The Huthi phenomenon*. Santa Monica: RAND Corporation, 2010. Disponível em: https://www.rand.org/content/dam/rand/pubs/monographs/2010/RAND_MG962.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

SANA'A CENTER ECONOMIC UNIT. *Yemen accelerating economic woes amid during the COVID-19 Pandemic*. Sana'a: Sana'a Center, 2020. Disponível em: https://sanaacenter.org/files/Rethinking_Yemens_Economy_No7_En.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

SANDERS, D. Nutrition and the use of food as a weapon in Zimbabwe and southern Africa. *International Journal of Health Services*, Westport, v. 12, n. 2, p. 201-2013, 1982. DOI: <https://doi.org/10.2190/H783-YUXK-M8Y2-RENP>.

SELMI, R.; BOUOYOUR, J. Arab geopolitics in turmoil: Implications of Qatar-Gulf crisis for business. *International Economics*, [s. l.], v. 161, p. 100-119, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.inteco.2019.11.007>.

SEN, A. *Food, economics and entitlements*. Helsinki: World Institute for Development Economics Research, 1986. (Wider Working Papers). Disponível em: <https://www.wider.unu.edu/sites/default/files/WP1.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

SEN, A. *Hunger in the contemporary world*. London: The Suntory Centre, 1997. (Discussion Paper DEDPS, n. 8). Disponível em: <http://sticerd.lse.ac.uk/dps/de/dedps8.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

SEN, A. The political economy of hunger: On reasoning and participation. *Common Knowledge*, [s. l.], v. 25, n. 1/3, p. 348-356, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1215/0961754X-7299462>.

SHARP, J. M. *Yemen: Civil war and regional intervention*. Washington, DC: Congressional Research Service, 2021. Disponível em: <https://sgp.fas.org/crs/mideast/R43960.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

SHARP, J. M.; BLANCHARD, C. M.; COLLINS, S. R. Congress and the war in Yemen: Oversight and Legislation 2015-2021. Washington, DC: Congressional Research Service, 2022. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/R/R45046>. Acesso em: 31 out. 2022.

SURESH, S. Food security strategy in Qatar. *In*: ECOMENA. Riyadh, 2019. Disponível em: <https://www.ecomena.org/food-security-qatar/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

TARRANT, J. R. Food as a weapon?: The embargo on grain trade between USA and USSR. *Applied Geography*, Sevenoaks, v. 1, n. 4, p. 273-286, 1981. DOI: [https://doi.org/10.1016/0143-6228\(81\)90012-6](https://doi.org/10.1016/0143-6228(81)90012-6).

TULL, K. *The projected impacts of climate change on food security in the Middle East and North Africa*. Brighton: Institute of Development Studies, 2020. Disponível em: https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/bitstream/handle/20.500.12413/15166/764_MENA_food_security.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 out. 2022.

UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT (USAID). *Yemen: Complex Emergency*. Washington, DC: USAID, 2022. Disponível em: https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/2022_02_18%20USG%20Yemen%20Complex%20Emergency%20Fact%20Sheet%20%234.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

VON LOSSOW, T.; SHATAT, M. Less and less: Water in the Middle East. *In*: MAGHEN, L.; KRONICH, S. (ed). *Ensuring water security in the Middle East: Policy implications*. Barcelona: IEMed, 2020.

WAAL, A. The nazis used it, we use it. *London Review of Books*, London, v. 32, n. 9, 2017. Disponível em: <https://www.lrb.co.uk/v39/n12/alex-de-waal/the-nazis-used-it-we-use-it>. Acesso em: 10 jan. 2022.

WALLENSTEEN, P. Scarce goods as political weapons: The case of food. *Journal of Peace Research*, London, v. 13, n. 4, p. 277-298, 1976. DOI: <https://doi.org/10.1177/002234337601300402>.

WOERTZ, E. Environment, food security and conflict narratives in the Middle East. *Global Environment*, [Bradford], v. 7, n. 2, p. 490-516, 2014a. DOI: <https://doi.org/10.3197/ge.2014.070209>.

WOERTZ, E. Ethiopian wheat and american tires: Gulf food security and World War II. In: WOERTZ, E. *Oil for food: The global food crisis and the Middle East*. Oxford: Oxford Press, 2013. p. 35-62.

WOERTZ, E. Historic food regimes and the Middle East. In: BABAR, Z.; MIRGANI, S. (ed.). *Food security in the Middle East*. London: C. Hurst & Co, 2014b. p. 19-38.

WOERTZ, E. Historic food regimes and the Middle East. In: *FOOD security and food sovereignty in the Middle East: Summary report*. Doha: Center for International and Regional Studies, 2012. p. 3-5. Disponível em: <https://repository.library.georgetown.edu/bitstream/handle/10822/558539/CIRSSummaryReport6FoodSecurity2012.pdf;jsessionid=68A99BA9E96F5F43D36BAD4A8B260DCF?sequence=5>. Acesso em: 31 out. 2022.

WOERTZ, E. Wither the self-sufficiency illusion?: Food security in Arab Gulf States and the impact of COVID-19. *Food Security*, Dordrecht, v. 12, n. 4, p. 757-760, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12571-020-01081-4>.

WORLD FOOD PROGRAMME (WFP). *Yemen Situation Report*. Rome: WFP, 2021. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/09%202021%20WFP%20Yemen%20External%20Situation%20Report%20September.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

ZAFIROV, M. The Qatar crisis: Why the blockade failed. *Israel Journal of Foreign Affairs*, Jerusalem, v. 11, n. 2, p. 191-201, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1080/23739770.2017.1382072>.

ZAHLAN, R. S. *The making of the modern gulf states: Kuwait, Bahrain, Qatar, the United Arab Emirates and Oman*. London: Routledge, 2016.

Recebido em: 20 mai. 2022.
Avaliado em 20 out. 2022